

3º DOMINGO NO ADVENTO

15 DE DEZEMBRO DE 2024

LUCAS 7.18-28(29-35)

1.1 SALMO 85

Em sua estrutura, o Salmo 85, versículos 1 a 3, trazem um reconhecimento do salmista e porque não dizer do próprio povo, que em outras palavras conclui o seguinte: Senhor, um dia tu nos mostraste teu favor e nos perdoaste.

Os verbos nesta seção estão no tempo passado, olhando para o que Deus fez pelo povo anteriormente: É dito: favoreceste a terra, ou seja, a fez produzir colheitas abundantes para sustentar seu povo; restauraste a prosperidade de Jacó depois de ter disciplinado seu povo por causa da infidelidade; perdoaste a iniquidade deles, encobristes todos os seus pecados, a indignação, reprimiste-a toda e do furor da tua ira te desviaste.

Como mencionado anteriormente, a expressão “perdoaste a iniquidade” evoca o texto de Êxodo 34.7; cf. também o Salmo 32.1 para “pecado coberto”. A expressão “do furor da tua ira te desviaste” (cf. Êxodo 32.12, parte do mesmo contexto que Êxodo 34.6; cf. também Js 7.26) significa que Deus perdoou a seu povo depois que eles se arrependeram de séria infidelidade e apostasia. Deus fez isso no passado por seu povo porque Ele é infinitamente bom.

Dos versículos 4 a 7, o salmista junto do povo pede: restabelece-nos e perdoa-nos novamente. Nesta seção, o povo apela, recorre à misericórdia que Deus declarou e mostrou, e nela o povo pede: restabelece-nos, ou seja, retira de sobre nós a tua ira. Pois o fato de Deus estar para sempre irado contra seu povo contraria seu caráter revelado; por isso, o povo ora: mostra-nos... a tua misericórdia (proclamada em Êxodo 34.6) e concede-nos a tua salvação. A específica “salvação” (com ref. Sl 3.2) é para Deus retirar sua ira, perdoar ao seu povo coletivamente (com paralelos Nm 14.13-9; 14.20-35), e

vivificar a nação, ou seja, renovar o compromisso do povo com a Aliança e tornar a terra frutífera.

Dos versículos 8 a 9, as palavras são de aceite e de paciência, tal qual uma afirmação dizendo: Escutarei o Senhor dizer sua palavra de paz. É uma confirmação de que o povo, os membros da congregação agora vão ter paciência em aguardar o agir de Deus em sua oração. Nesse trecho ocorre uma mudança do plural nós para o singular eu: A palavra que aparece: “Escutarei”, ou seja, eu escutarei. Dessa forma, cada membro está assumindo seu compromisso individual.

Existe a confiança de que falará de paz ao seu povo, ou seja, Ele concordará com a reconciliação que pediram nos vs. 4-7. Ao mesmo tempo, o salmista ora: que jamais caiam em insensatez; ou seja, o povo que está apelando à bondade de Deus precisa garantir que seu arrependimento é genuíno e que realmente deseja a fidelidade e tem a real intenção de não repetir a insensatez (estupidez moral) que provocou a ira de Deus.

A palavra “santos” (hebr. Khasid) reforça isso, uma vez que se refere aos membros do povo que levam a aliança a sério e caminham em obediência a Deus. Portanto, a força disso é “para seu povo, especialmente para os santos”. Da mesma forma, próxima está a salvação de Deus (que haviam pedido no vs. 7) dos que o temem, ou seja, de novo, daqueles que se apropriam das promessas da aliança de Deus pela fé genuína e pela obediência. O povo nunca deveria abusar da graciosa resposta de Deus às suas orações, como se ela viesse “automaticamente”. Por isso, enquanto os israelitas esperam Deus falar, eles podem avaliar sua própria sinceridade.

Por quê crer, temer e obedecer? O versículo 9 vai dizer “para que a glória habite em nossa terra”. Esta palavra “glória” é a manifestação própria de Deus, da presença especial dele com seu povo (com ref. em Sl 63.1-2; cf. Êxodo 24.16 para a mesma expressão “habite”).

Do verbo “habitar” (hebr. Shakan) deriva-se um substantivo, “habitação”, “que habita” (hebr. Shekinah), e é por isso que a glória que habita com o povo de Deus no santuário é chamada de shekinah. Essa habitação da glória é um presente ao povo de Deus, cujo objetivo é promover a verdadeira piedade (cf. Jo 1.14).

O último trecho, dos versículos 10 a 13, o Salmista coloca uma declaração de confiança em que se diz, algo do tipo: O Senhor dará o que é bom. Estas palavras retratam a expectativa presente naquele contexto, uma confiança de que o Senhor ouvirá a oração do povo e dará o que eles pedem. Isso porque a “graça e a verdade” se encontraram, ou seja, em Deus elas estão em harmonia. A justiça de Deus aqui é seu caráter confiável de que manterá suas promessas (especialmente ao seu povo), e que por isso garante a paz (cf. vs. 8); a justiça e a paz se beijaram como a saudação afetuosa de parentes (p. ex., Gn 29.13; 45.15). O vs. 11 do Sl 85 mantém a imagem da saudação, com sua figura da verdade brotando e da justiça olhando para baixo. Porque o Senhor tem esse caráter, o povo pode confiar que Deus honrará suas promessas; por isso **o Senhor dará o que é bom**, ou seja, **nossa terra produzirá o seu fruto** de colheitas abundantes. Tal confiança tem por base a própria justiça de Deus (vs. 13): o Deus de Israel mantém suas promessas ao seu povo, e lhes perdoa e os renova quando eles o buscam.

Por fim, o que o Salmo 85 traz é isto, um lamento do povo em questão, num momento em que Deus mostrou seu descontentamento em relação à infidelidade de seu povo, possivelmente pela retenção da fecundidade da terra (vs.1, 12). Quem canta isto busca o perdão para o povo todo (nós), e pede para Deus mostrar a misericórdia e a fidelidade que Ele proclamou em Êxodo 34.6; e porque Deus é justo (Sl 85.10-11, 13) – ou seja, confiável em suas promessas -, o Salmo encerra com confiança. O texto de Êxodo 34.6-7 oferece o pano de fundo para este Salmo, particularmente nos termos “graça e verdade” (Sl 85.10; cf. vs. 7, 11); e “perdoaste a iniquidade” (vs.2). O Senhor explicou seu “nome” a Moisés ao enfatizar sua bondade, que é onde a esperança do povo descansa. Muitas igrejas usam este Salmo na época do Natal, a ocasião suprema quando Deus foi favorável à sua terra e falou de paz aos seus santos.

1.2 SOFONIAS 3.14-20

Um pouco do autor, título, datação e tema. Pouco se sabe sobre Sofonias, mas o importante é conhecido: que ele foi um intermediário profético da Palavra de Deus, cujas palavras de profecia tinham como destinatário o pequeno povo ou nação de Judá.

Contudo, no contexto geral do livro, várias nações são destinatárias destas palavras, aquelas que se opuseram a Deus por meio da oposição a seu povo, Israel.

Seu nome - Sofonias, que quer dizer “Javé esconde / protege”, poderia indicar a devoção de seus pais, como confiaram em Deus durante o reinado apóstata de Manassés. A genealogia em 1.1 pode indicar que Sofonias era descendente de Ezequias, o governante piedoso que reinou em Judá antes de dois reis perversos assumirem o trono.

Sua profecia acontece durante o reinado de Josias (640 – 609 a.C) um importante rei da Judeia (2 Rs 21.26 – 23.20; 2 Cr 33.25 – 35-27). O Reino do Norte, de Israel, já havia sido exilado, em 722 a.C, por isso “Israel” (Sf 2.9; 3.13-15) não se refere a ele. Antes, as referências falam do restante na nação de Israel; a pequena Judá e sua capital, Jerusalém.

Como tema principal, que é pregado de forma bem consistente por Sofonias, mais do que qualquer outro profeta, aparece o “Dia do Senhor” (1.7 etc.). Esse dia que se aproxima apresenta duas faces: uma de julgamento, contra aqueles que pecaram contra Deus, e outra de bênção, para aqueles que o seguem. Deus se mostrará justo tanto no castigo como no louvor.

v.14 – A cidade e nação manchadas (vs.1) são elevadas por serem novamente chamadas de amada “filha de Sião” (Is 62.11). Sião é um nome usado para se referir a Jerusalém também, a cidade de Davi (2Sm 5.7) e lar do templo (Sl 9.11; 76.2). Os habitantes de Jerusalém são chamados de Israel, já que, agora que as tribos israelitas do Norte estão no exílio. Judá e sua capital, Jerusalém, são as únicas restantes que podem carregar esse nome como descendentes do primeiro Israel (Jacó; Gn 28.10; 32.28).

v.15 – “Regozijar-se” é apropriado por causa da presença do Rei de Israel, Deus, entre o seu povo. Os reis humanos de Israel e Judá serviram apenas como representantes do verdadeiro monarca de Israel, que aqui abençoa com sua presença aqueles que se arrependem e se voltam para Ele. Ele não é impotente, como alguns afirmaram (1.12).

v.16 – “não desfaleçam as suas mãos”. Quando alguém está assustado ou desanimado, seus braços literalmente se afrouxam (Is 13.7; Jr 6.24). Como Deus agora (e sempre) está presente e no controle, isso não acontecerá.

v.17 – A nação antes enfraquecida está na presença do “Poderoso” (Dt 10.17; Sl 24.8; Is 10.21; 42.13), o próprio Deus, que, diferente dos heróis e guerreiros humanos (Sf 1.14), não desanima. Em vez de fugir diante do perigo, Deus pode salvar seu povo do perigo (Êx 14.30). Esse versículo notadamente acrescenta que o próprio Deus “ficará muito contente”, indicando que, quando o povo de Deus o busca e o segue (Sf 3.12-13), e nele se regozija e confia (vs. 14-16), então Deus pessoalmente se deleita nos que são seus. Esse não é um contentamento distante e sem emoção, mas irrompe numa alegre celebração divina, pelo que é dito: **“se encherá de júbilo por causa de você”**.

vs.18-20 – “A restauração prometida por Deus”. A alegria é aumentada pelo acréscimo das bênçãos prometidas de Deus. Estes versículos referem-se, provavelmente, ao retorno dos Israelitas do desterro na Babilônia (cf. Mq 4.6-7).

v.18 – **“Os que estão entristecidos”**. Este versículo é bastante obscuro (tradução do hebraico), com várias traduções sugeridas. Uma tradução provável seria: “os quais pesam opróbrios”. Esta versão sugere que aqueles moradores da Judeia que não puderam se juntar nas celebrações das “festas solenes”, reservadas para o povo justo de Deus (ver Nm 28-29), agora são capazes de fazê-lo mais uma vez.

v.19 – Deus agirá em favor de todos do seu rebanho que sofreram no exílio, tomando medidas para salvar **“os que coxeiam”** (Mq 4.6-7), como um pastor. E também os exilados, como animais **expulsos** e dispersados (Dt 22.1; 30.4; Jo 11.52), não mais sofrerão **envergonhados** por sua situação, mas se alegrarão porque isto está acabado.

v.20 – O remoto povo de Deus encontrará a restauração pela mão de seu Rei. Em vez de estar justificadamente envergonhados por causa de seu pecado, eles serão **um nome e um louvor** (Dt 26.19) por causa da graciosa salvação de Deus.

Em linhas gerais do trecho específico desta perícopa, 3.14-20, destaca-se a expectativa da esperança, com a exposição de uma canção de regozijo, um hino ou cântico de louvor que celebra o reinado do Senhor em Sião, o seu reconhecer da restauração prometida por Deus.

O assunto principal fica por conta do fato que Deus, como guardador da aliança, abençoará seu povo quando este se voltar para Ele e para o relacionamento da aliança.

Para o profeta, tanto o julgamento quanto a bênção ocorrerão num futuro próximo a ele e para o seu público, e também, aponta para um futuro mais distante (vs. 13-17).

Da expressão “canção de regozijo” especificamente (3.14-17), as pessoas, tal qual nos Salmos, mesmo em meio ao sofrimento, são chamadas a adorar e dar graças por sua esperada salvação.

1.3 FILIPENSES 4.4-7

No Capítulo 4, de maneira geral, o objetivo e a intenção de Paulo é encorajar os filipenses, a que busquem a reconciliação, a que vivam uma fé com alegria no Senhor e que tenham pensamento disciplinado (vs.2-9). E é isso que aparece na seção dos vs. 4 a 9, com o tema “**Alegria na fé**”. Com essa atitude e com estas palavras, Paulo convoca os Filipenses a terem atitudes de alegria e moderação, de forma que substituam a ansiedade por oração grata e esperançosa. Ele também os chama a refletirem sobre as virtudes e a praticá-las.

Por isso, ele começa dizendo: **Alegrem-se (4.4)**. A alegria que Paulo propõe, **que nesse trecho ele repete duas vezes**, não é aquela que depende de circunstâncias, mas é um contentamento profundo no **Senhor**, baseado na confiança no Deus soberano e vivo e que, por isso, está **sempre** disponível, inclusive em tempos difíceis, sabendo inclusive que o sofrimento virá, mas que por meio da fé, o sofrimento poderá ser encarado com alegria.

v.5 – Moderação. A moderação é crucial para a manutenção da comunidade, é a disposição que procura o que é melhor para todos e não apenas para si. **Perto está o Senhor** enfatiza o fato de que Jesus certamente retornará como juiz e vai considerar as pessoas responsáveis pelos seus atos (cf. Tg 5.9). Paulo não especifica quando isso vai acontecer (cf. Mt 24.36-44; 2 Pe 3.1-13).

vs.6-7 – Paulo reproduz o ensino de Jesus no Sermão do Monte (cf. Mt 6.25-34) de que os crentes não devem ficar **preocupados**, mas devem colocar a sua confiança nas mãos do seu Pai Amado, cuja **paz os guardará... em Cristo Jesus**. O uso dessa palavra “guardará”

por Paulo pode ser um reflexo da sua própria prisão ou da situação de Filipos como uma colônia romana com uma guarnição militar. Em qualquer caso, não são soldados romanos que guardam os crentes: é a paz do Todo-Poderoso. Uma vez que Deus é soberano e está no controle, os cristãos podem confiar a Ele todas as suas dificuldades, pois Ele governa sobre toda a Criação, é sábio e amoroso de todas as formas (Rm 8.31-39). Lembra-se também que a prática de **ações de graças** contribui diretamente para a paz interior.

Por fim, duas expressões precisam ser consideradas, por darem elas a compreensão correta desse texto. A primeira delas, **do v.4**, com Paulo chamando, exortando e conclamando os filipenses a que **“alegrem-se sempre no Senhor”**. Um chamado a considerarmos a história e nossas circunstâncias pessoais sob o olhar soberano e amoroso de Deus, que está muito além de nossa própria compreensão. As consolações do Espírito Santo nos tiram do pântano existencial, nos livram dos horrores infligidos aos humanos. A alegria vem como expressão da fé em Jesus, que nos trata segundo a graça de Deus.

E a segunda expressão necessária, que não podemos deixar de considerar é; **“E a paz de Deus”**. A relação amorosa de Deus conosco nos garante desfrutar de uma paz inexplicável pelo senso comum. Aprendemos a não depender de circunstâncias externas ou de legitimação social para o que somos. Nosso valor provém de Deus, e nossa vida não se esgotará na terra nem no tempo, pois aguardamos novos céus e nova terra com a ressurreição. Assim, quem está em Cristo enfrenta adversidades com esperança e pode apresentar ao Pai todas as suas preocupações. Tal qual **“o descanso em Jesus”** cf. Hb 3.

2.1 CONTEXTO DO TEXTO DE LUCAS 7.18-28 (29-35)

O texto em questão, esse recorte de Lc 7.18-35 faz menção das coisas que foram relatadas a João Batista pelos seus discípulos, os “Mensageiros de João Batista”. Lucas registra a pergunta de João a Jesus (vs. 18-23), o testemunho de Jesus sobre João (vs. 24-30) e o juízo sobre Israel por rejeitar João e Jesus (vs. 21-35).

Da pergunta de João Batista a Jesus, pergunta esta que foi feita pelos discípulos de João Batista que foram enviados a Jesus, estas palavras: **“ou devemos esperar outro?”**, por fim mostram que Jesus atendeu às dúvidas de João, sobre se Ele (Jesus) seria realmente o Messias.

O contexto de João Batista é conhecido. Preso por Herodes (Mt 11.2), com dúvidas e afastado de toda vida pública e correndo sério risco de vida, é possível que João Batista esperasse um tratamento mais protetor da parte de Deus. Além disso, Jesus estava trazendo vida pelo Espírito Santo, como João anunciara e ficara sabendo por seus discípulos (v.18); mas Jesus não estava trazendo o fogo do juízo que João havia anunciado contra os pecadores (ver 4.19). João Batista foi o maior de todos os profetas do Antigo Testamento, mas Jesus veio com sua morte cumprir esse testamento e inaugurar um testamento novo, a Nova Aliança, o Reino de Deus e a salvação dos pecados o juízo ficaria para sua segunda vinda, apenas para os que não acreditassem nele: essa compreensão até o maior profeta do Antigo Testamento não conseguia alcançar.

A pergunta direta de João a Jesus (v.19), expressa sua sincera dúvida sobre sua identidade; porque provavelmente havia nele também o temor de ter-se enganado em seu próprio ministério. Sabemos que nossa identidade pessoal, marca de nossa individualidade e inteireza emocional, não se define sem que haja um espaço de valorização, apreço e confirmação de nosso ser. Vemos Jesus fazer isso em relação a João Batista (como também em relação à mulher “pecadora”, vs.36-50).

Ele enfatizou a missão de João Batista – embora não o dizendo diretamente a ele – e assim reafirmou seu valor como ser no mundo, dando-lhe uma posição de destaque e exaltação: “eu lhes digo: entre os nascidos de mulher, ninguém é maior do que João; mas o menor no Reino de Deus é maior do que ele” (v.28). Este foi um testemunho que sem dúvida alguma estabeleceu a verdade sobre João Batista e o confirmou perante seus discípulos e também seus “inimigos”.

2.2 ESTUDO DO TEXTO DE LUCAS 7.18-28 (29-35) (ARA)

v.18 – “Todas estas coisas”. Se refere aos poderosos milagres que Jesus está realizando, bem como ao seu notável ensino.

vs.19-20 – “Aquele que estava para vir”. O Cristo. A pergunta de João indica sua dúvida se Jesus era mesmo o “mais poderoso” que batizaria com o Espírito Santo e com fogo (ver 3.16). por alguma razão, Jesus não aparentava ser exatamente o tipo de Messias que João esperava, talvez porque não havia indícios de que Jesus fosse derrubar os governadores romanos, e provavelmente também porque Jesus não estava trazendo juízo imediato sobre os malfeitores. A preocupação de João se agravou pelo fato de estar preso.

v.21 – Lucas prefacia a resposta de Jesus a João com um resumo do ministério de cura realizado por Jesus (cf. 4.40-41; 5.15; 6.18-19). Ele também menciona separadamente a restauração da **vista** aos **cegos**, possivelmente para enfatizar a magnitude de tal milagre.

vs.21-22 – “Naquela mesma hora, Jesus curou”. Os fariseus não queriam crer em Jesus, pediam sinais de seu poder e não eram atendidos. João queria crer, não pediu sinal algum – apenas apresentou suas dificuldades para crer -, e Jesus operou vários sinais e, em consideração, mandou a mensagem a João para ajudá-lo a ter fé.

v.22 – “anunciem a João”. Jesus não responde diretamente à pergunta de João, mas concede provas que demonstram que Ele é “aquele que estava para vir”. Do relatório que segue, João pode tirar a sua própria conclusão. Os cegos veem (ver 4.18; 18.35-43); os coxos andam (5.17-25); os leprosos são purificados (5.12-16; 17.11-19); os surdos ouvem (cf. Is 29.18; 35.5; 42.18); os mortos são ressuscitados (Lc 7.11-17; 8.40-56; cf. At 9.36-43); aos pobres está sendo pregado o Evangelho (Lc 4.18; 6.20; 14.13-21). Em outras palavras, Jesus é realmente aquele que estava para vir, predito no AT. Os dias de salvação profetizados por Isaías já começaram, muito embora não serão consumados até Cristo voltar para estabelecer o reino eterno.

v.23 – “Bem-aventurado é aquele que não achar em mim motivo de tropeço!”. Esta exortação de Jesus é certamente dirigida a João e seus discípulos. As dúvidas de fé nos causam muito sofrimento e angústia. Muitas vezes Jesus se mostra diferente das nossas expectativas, mas Ele tem misericórdia e dá resposta a nossas dúvidas. É Ele mesmo: está cuidando dos cegos, aleijados, surdos, até dos mortos, e em vez de condenar os

pecadores, anuncia salvação para os pobres! Quanto antes crermos e aceitarmos sua bondade muito maior que a nossa, mais bem-aventurados, felizes seremos.

vs.24-27 – *Um caniço agitado pelo vento*”. Essa expressão sugere algo frágil e inconstante – longe de ser uma descrição exata de João Batista (cf. Mc 1.6). João era ***muito mais do que um profeta***: ele era o profeta enviado para cumprir Ml 3.1

v.25 – “*Os que se vestem bem*”. Ou com luxo, em contraste com a roupa comum e de pano de saco que João Batista vestia (Mt 6.4).

v.28 – “*ninguém é maior*”. A grandeza de João entre todos os profetas do AT – todos aqueles que vieram antes da chegada do Reino de Deus – vem do seu ofício de precursor direto de Jesus, o Messias. Porém, João não fazia parte do Reino de Deus que Jesus estava proclamando e trazendo à realidade, pois ainda fazia parte do sistema da Antiga Aliança. Portanto, o menor no ***Reino de Deus*** (aquele que creu em Jesus e se tornou um membro do Reino da Nova Aliança) é verdadeiramente ***maior do que João***, pois aqueles que vêm depois de João vivem na era do cumprimento, decorrente da vinda de Jesus. Isto ressalta a diferença qualitativa entre a antiga era e o surgimento da nova era do Reino (cf. Mt 11.11).

vs.29-30 – Os ouvintes de Jesus assimilam corretamente suas palavras nos vs. 24-28 como um elogio a João, e não como uma crítica. Deus estava operando por meio de João para executar, a seu tempo, os seus propósitos. Conseqüentemente, aqueles que foram ***batizados com o batismo de João*** alegraram-se e ***reconheceram a Justiça de Deus***.

vs.31-32 – “*A que, pois, comparareis os homens da presente geração...*”. Isto é, não fazem no devido tempo o que deveriam fazer. É a imagem de alguns meninos que brincam na praça durante bodas ou funerais, mas sem conseguir colocar-se de acordo.

vs.31-34 - *Desta geração* – Não se refere a todos os que viviam naquele tempo, e sim aos líderes e outros que rejeitaram tanto João Batista quanto Jesus, e que ainda eram a força dominante na sociedade daquela época. Ao rejeitarem o “ascético” João e o “não ascético” Jesus, eles eram semelhantes a ***meninos*** que se recusam a participar de uma brincadeira triste ou divertida.

vs.29-35 – “rejeitaram... o plano de Deus”. Aqueles que eram facilmente reconhecidos como pecadores, tais como os publicanos e as prostitutas, não tiveram dificuldade em aceitar a mensagem de João Batista, de reconhecer que estavam errados e se deixarem batizar em sinal de mudança de vida. Mas os fariseus e os intérpretes da Lei não aceitaram o convite ao arrependimento feito por João Batista; assim, desde então já se afastaram do convite para a salvação pela fé em Jesus; não aceitaram um profeta eremita, exótico e sem vida social, e também não aceitaram o Filho de Deus que veio conviver com pecadores para salvá-los. Essa dupla estratégia é uma obra da sabedoria de Deus, e a vida transformada dos que a aceitaram – reconhecendo seus pecados e crendo no Salvador – revela que verdadeiramente é Deus quem está promovendo essa transformação, criando as pessoas como seus filhos e filhas. O mesmo tema é tratado e exemplificado no acontecimento seguinte (vs.36-50).

v.35 – “Por todos os seus filhos”. Outra tradução possível: Pelos que a aceitam (cf. Mt 11.19).

v.35 – A sabedoria – (o caminho de Deus, v.29) é justificada (demonstra ser correta) por todos os seus filhos (os seguidores de João e de Jesus).

3. PONTOS EM COMUM ENTRE OS TEXTOS

Já a partir do **Salmo 85**, o destaque em comum fica por conta da confiança na misericórdia de Deus em favor do seu povo, dos santos que guardam a sua aliança com Deus, e que, em paciência aguardam a providência divina, na certeza de que Deus dará o que é bom.

Essa misericórdia fica bem marcada por **Sofonias**, haja visto que a pequena nação manchada é elevada e tem a atenção de Deus, este Deus que nunca esqueceu da sua filha – a filha de Sião. A nação antes enfraquecida está na presença do “Poderoso”, do próprio Deus, que, diferente dos heróis e guerreiros humanos (Sf 1.14), não desanima. Em vez de fugir diante do perigo, Deus pode salvar seu povo do perigo. Esta é a providência divina, esta misericórdia de Deus pelos seus, aos que permanecem na aliança, e que nunca acaba.

Na epístola de Filipenses, isso se repete de maneira bem direta, com Paulo se preocupando de encorajar os filipenses, a que busquem a reconciliação (**permanecer na aliança**), e a que vivam uma fé com **alegria no Senhor**, que é a “Alegria na fé”, tendo deste modo, atitudes de alegria e moderação, como resultado da confiança na misericórdia e providência divina, ao invés de preocupações e ansiedade com as coisas da vida. Isso é possível quando há no coração humano um contentamento profundo no Senhor, baseado na confiança no Deus soberano e vivo e que, por isso, está sempre disponível, inclusive em tempos difíceis, sabendo inclusive que o sofrimento virá, mas que por meio da fé, o sofrimento poderá ser encarado com alegria.

Por fim, tecendo esta ligação entre os textos, o Evangelho de Lucas, em seu recorte, traz o quê?

Mesmo em meio a uma geração em que muitos simplesmente não querem aceitar, Jesus vem e diz: “Bem-aventurado é aquele que não achar em mim motivo de tropeço!”. Esta exortação de Jesus é certamente dirigida a João e seus discípulos, mas a cada vez que lemos este texto, estas palavras se dirigem a nós também, lembrando que a dúvida de João Batista, e as nossas também, elas por vezes nos causam muito sofrimento e angústia, isso porquê, muitas vezes, **Jesus se mostra diferente das nossas expectativas**, demorado ou até mesmo ausente. Contudo, não podemos esquecer o fato de que Ele não muda, de que Deus é fiel a todas as suas promessas, e de que as suas misericórdias se renovam a cada manhã.

Sendo assim, é Ele quem dá resposta a nossas dúvidas. Que faz reconhecermos que Ele é o mesmo, ontem, hoje e sempre, este Deus que em sua misericórdia, não esquece dos seus, de nenhum sequer, que cuida dos cegos, dos aleijados, dos surdos, e até dos mortos, e que em vez de condenar os pecadores, anuncia salvação para os pobres, por causa da sua bondade, que é muito maior que a nossa.

Eis a causa, a origem de sermos bem-aventurados e felizes, estar com aquele que é “Poderoso” e “Misericordioso”, que não foge diante do perigo, e que sempre quis e quer salvar o seu povo do perigo. Esta é a providência divina, esta misericórdia de Deus pelos seus, (a todo aquele que nele crê), e que nunca acaba.

4. PROPOSTA HOMILÉTICA

Proposta de Tema: Advento – Tempo de ter certeza!

Lei: A questão de um João Batista em dúvida, alguém que já não tem certeza, se Jesus era mesmo ou não o Messias. Ter dúvidas! Quem de nós nunca teve? Sabemos que é exatamente assim que somos.

Hoje estamos alegres e cantamos; amanhã estamos tristes e choramos.

Hoje estamos cheios de certeza e testemunhamos, amanhã estamos em dúvida e perguntamos, e assim, sentimos aquela sensação tão ruim de não sabermos o que fazer.

Isso aconteceu com João e acontece com todos nós. As dúvidas, as incertezas elas tentam invadir o nosso coração e a nossa mente também em coisas que dizem respeito a nossa fé. Dúvidas sobre o nosso Salvador, a nossa salvação, a nossa esperança de perdão e da vida eterna, a ressurreição, a necessidade de buscarmos os meios da graça, a comunhão na fé e tantas outras coisas que são fundamentais para nossa salvação.

Evangelho – O que Jesus faz? Ele chama a atenção não para uma punição, ou para padrões morais humanos, mas para as suas obras de misericórdia, as que Ele estava realizando. Isto é certo pelas palavras que Ele usa ao enviar mensageiros a João, palavras que se cumprem nele, as profecias de Is 26.19; 29.18, 19; 35.5, 6; 61.1, ou seja, de que a era da prometida salvação agora já tinha chegado, estava presente neste que é Jesus, não apenas mais um profeta anunciando a vinda da nova era, mas realmente a pessoa que a trouxera.

Esta é a mensagem do Advento, esta chegada daquele que vem para termos certeza, de que tão somente nele há salvação. No Emanuel, e em nenhum outro! Por isso a nossa alegria no Senhor! Uma alegria que transcende as coisas desta vida!

Pode-se concluir a mensagem lembrando que em Cristo, com a sua chegada, nele está o fundamento pelo qual dizemos, cremos e confessamos, que a cada Advento é Tempo sim de termos certeza, de renovarmos a nossa certeza da Salvação em Cristo Jesus, por causa do seu poder e da sua misericórdia!

É isso que as Escrituras Sagradas falam, deste que é o Cristo, aquele que veio, o Messias, o prometido, o Salvador do mundo, o meu e o teu Salvador. Por isso, não precisamos ficar preocupados ou com dúvidas, nem com medo. Pelo contrário, com esta certeza, podemos nos alegrar sempre no Senhor, sem ficarmos ansiosos com as coisas desta vida, isto porque nós já temos a certeza do perdão, da Salvação e da vida eterna, por causa da Misericórdia de nosso Deus. Por isso, rendemos graças ao Senhor, porque ele é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre. (Sl 136.1 ARA)

Pastor Ozéias Wendler

Cândido de Abreu/PR